



Léxico, tecnologia e temporalidade: marcadores temporais tecnolinguísticos em canções de língua portuguesa e inglesa

Lexicon, technology, and temporality: technolinguistic temporal markers in portuguese- and english-language songs

Leonasser Lima Rodrigues¹

<https://doi.org/10.5281/zenodo.22696118>

Resumo: Este artigo investiga de que maneira referências lexicais às tecnologias da comunicação podem atuar como indícios de temporalidade em letras de músicas de língua portuguesa e inglesa. Para isso, propõe a categoria analítica dos Marcadores Temporais Tecnolinguísticos (MTT), classificados em quatro níveis de precisão, conforme a especificidade sociotécnica e a Faixa de Validade Temporal dos referentes. A pesquisa possui abordagem qualitativa e caráter bibliográfico, documental, descritivo, comparativo e interpretativo. O corpus é constituído por oito canções, sendo quatro em português e quatro em inglês, organizadas em pares representativos dos níveis MTT-1, MTT-2, MTT-3 e MTT-4. A análise considera a unidade lexical, o equipamento, serviço, plataforma ou funcionalidade nomeada, sua função narrativa, seu período de circulação social e o contexto cultural de sua ocorrência. Os resultados demonstram que referências genéricas e duradouras, como televisão e telefone, apresentam menor precisão temporal, enquanto menções a infraestruturas, plataformas e funcionalidades específicas tendem a delimitar intervalos progressivamente mais restritos. Essa tendência sustenta o Princípio da Compressão Temporal dos Marcadores Tecnolinguísticos, embora sua aplicação dependa de fatores como permanência lexical, desigualdade de acesso, diferenças culturais e usos nostálgicos ou anacrônicos. Conclui-se que os MTT constituem uma ferramenta interpretativa capaz de relacionar léxico, tecnologia e temporalidade, sem funcionar como mecanismo automático de datação.

Palavras-chave: Léxico. Tecnologia da comunicação. Temporalidade. Música popular. Marcadores temporais tecnolinguísticos.

Abstract: This article investigates how lexical references to communication technologies can function as indicators of temporality in Portuguese-and English-language song lyrics. To this end, it proposes the analytical category of Technolinguistic Temporal Markers (TTM), classified into four levels of precision according to the sociotechnical specificity and Temporal Validity Range of their referents. The study adopts a qualitative approach and follows bibliographic, documentary, descriptive, comparative, and interpretative procedures. The corpus comprises eight songs, four in Portuguese and four in English, arranged in pairs representing the TTM-1, TTM-2, TTM-3, and TTM-4 levels. The analysis considers the lexical unit, the device, service, platform, or feature it designates, its narrative function, its period of social circulation, and the cultural context in which it occurs. The results demonstrate that generic and long-lasting references, such as television and telephone, provide lower temporal precision, whereas references to specific infrastructures, platforms, and features tend to delimit progressively narrower time intervals. This tendency supports the Principle of Temporal Compression of Technolinguistic Markers, although its application depends on factors such as lexical persistence, unequal access to technology, cultural differences, and nostalgic or anachronistic uses. The article concludes that TTM constitute an interpretative tool capable of relating lexis, technology, and temporality without functioning as an automatic dating mechanism.

Keywords: Lexis. Communication technology. Temporality. Popular music. Technolinguistic temporal markers.

1 INTRODUÇÃO

¹Graduado em Filosofia, Pedagogia, Letras – Português/Espanhol, Letras – Português/Inglês e História. Acadêmico de Direito. Iesgo. <https://orcid.org/0000-0002-0415-4010>. E-mail: leonasser.rodrigues@iesgo.edu.br



As transformações tecnológicas modificam práticas sociais e formas linguísticas, produzindo novas necessidades de nomeação e ressignificando unidades já existentes. Por sua sensibilidade às mudanças históricas, o léxico registra essas transformações e pode oferecer indícios de temporalidade quando relacionado à trajetória dos referentes e às condições sociais de uso.

Com base nessa possibilidade, propõe-se a categoria analítica denominada Marcadores Temporais Tecnolinguísticos (MTT). O conceito designa unidades lexicais ou expressões relacionadas às tecnologias da comunicação que, quando analisadas em seu contexto discursivo e sociotécnico, podem contribuir para a delimitação aproximada da temporalidade de uma produção cultural. Esses marcadores não fornecem datas absolutas, mas apresentam diferentes graus de precisão de acordo com a duração social do referente, sua especificidade e seu período de predominância. A proposta organiza os MTT em quatro níveis: MTT-1, de baixa precisão temporal; MTT-2, de precisão intermediária; MTT-3, de alta precisão; e MTT-4, de precisão muito alta.

A investigação orienta-se pelo seguinte problema: como a passagem de referências genéricas a equipamentos para referências a serviços, plataformas e funcionalidades digitais modifica a capacidade de determinadas unidades lexicais situarem temporalmente canções em língua portuguesa e inglesa? Parte-se da hipótese de que o aumento da especificidade sociotécnica das referências tende a reduzir sua Faixa de Validade Temporal. Desse modo, vocábulos associados a tecnologias amplas e duradouras oferecem intervalos cronológicos mais extensos, enquanto nomes de plataformas e funcionalidades específicas possibilitam delimitações mais restritas. Esse movimento fundamenta a hipótese de uma progressiva compressão temporal dos marcadores, vinculada à aceleração da inovação tecnológica e à redução dos ciclos de circulação de determinados objetos e expressões.

O objetivo geral consiste em analisar comparativamente referências lexicais às tecnologias da comunicação presentes em oito canções de língua portuguesa e inglesa, verificando sua capacidade de indicar temporalidade segundo os quatro níveis dos Marcadores Temporais Tecnolinguísticos. De maneira específica, busca-se fundamentar a relação entre mudança lexical, tecnologia, memória e temporalidade, apresentar a definição, a classificação e os critérios de aplicação dos MTT, identificar os referentes sociotécnicos presentes nas canções selecionadas, examinar sua Faixa de Validade Temporal e comparar o comportamento dos marcadores nas duas línguas.



A pesquisa apresenta abordagem qualitativa e caráter bibliográfico, documental, descritivo, comparativo e interpretativo. O corpus foi constituído por oito canções selecionadas intencionalmente em razão de sua representatividade para a proposta analítica, sendo quatro em língua portuguesa e quatro em língua inglesa. Cada nível de MTT é representado por uma canção de cada língua: no MTT-1, *Televisão*, dos Titãs, e *Telephone*, de Lady Gaga e Beyoncé; no MTT-2, *Ligação Urbana*, de Bruno & Marrone, e *Operator (That's Not the Way It Feels)*, de Jim Croce; no MTT-3, *Vou Te Excluir do Meu Orkut*, de Frank Aguiar, e *Bug a Boo*, do Destiny's Child; e, no MTT-4, *Não Sei o Que Lá*, de Maiara & Maraisa e Marília Mendonça, e *Read Receipts*, de maxime.

A fundamentação teórica articula estudos sobre historicidade e mudança linguística, com destaque para Coseriu (1979); léxico e cultura, a partir de Biderman (1996; 2001) e Câmara Jr. (1955); tecnologias da comunicação, especialmente em Santaella (2023), Lévy (1999) e Castells (1999); enunciado e historicidade, com Bakhtin (2003; 2011); música popular como documento cultural, em Moraes (2000) e Napolitano (2007); natureza intersemiótica da canção, segundo Costa (2003); e memória coletiva, conforme Halbwachs (2006) e Pollak (1989). O diálogo entre esses campos permite compreender as letras musicais como produções complexas que, embora não sejam documentos cronológicos em sentido estrito, preservam marcas linguísticas das transformações tecnológicas.

2 LÉXICO, TECNOLOGIA E CANÇÃO COMO REGISTROS DA TEMPORALIDADE

A linguagem acompanha as transformações sociais e históricas das comunidades que a utilizam, incorporando novas práticas e formas de representação. Nesse processo, a língua se atualiza continuamente em situações concretas de comunicação.

Essa perspectiva impede que as mudanças linguísticas sejam interpretadas como acontecimentos exteriores ou acidentais. Para Coseriu (1979), a língua histórica apresenta caráter dinâmico porque os falantes não se limitam a repetir um sistema definitivamente concluído. Ao utilizarem os recursos linguísticos para expressar novas experiências, os sujeitos atualizam, adaptam e recriam as possibilidades oferecidas pela tradição. A inovação não representa necessariamente uma ruptura com a língua anterior, pois pode resultar de



mecanismos já existentes de formação, empréstimo, especialização ou transformação semântica.

2.1 Mudança lexical e memória tecnológica

A Lexicologia estuda as unidades lexicais, seus significados, suas relações e os processos históricos por meio dos quais são criadas, incorporadas, ressignificadas ou abandonadas. Nesse campo, pode-se distinguir o léxico, entendido como o conjunto das unidades disponíveis em uma língua, do vocabulário, correspondente à realização dessas unidades em textos, discursos, grupos sociais ou áreas determinadas. Essa diferenciação é importante para a presente pesquisa, pois os Marcadores Temporais Tecnolinguísticos não são investigados como elementos abstratos de um inventário, mas como ocorrências efetivamente empregadas nas letras das canções selecionadas.

Biderman (1996) atribui ao léxico uma função central na comunicação e na organização do conhecimento. As unidades lexicais não apenas designam elementos do mundo extralinguístico, mas também condensam formas culturalmente construídas de compreender, classificar e representar a realidade. Nas palavras da autora:

Nas últimas décadas, os lingüistas não têm dado muita atenção a problemas de grande relevância relativos ao léxico. Contudo, o vocabulário exerce um papel crucial na veiculação do significado, que é, afinal de contas, o objeto da comunicação lingüística. A informação veiculada pela mensagem faz-se, sobretudo, por meio do léxico, das palavras lexicais que integram os enunciados. Sabemos, também, que a referência à realidade extralingüística nos discursos humanos faz-se pelos signos lingüísticos, ou unidades lexicais, que designam os elementos desse universo segundo o recorte feito pela língua e pela cultura correlatas. Assim, o léxico é o lugar da estocagem da significação e dos conteúdos significantes da linguagem humana. Por outro lado, o léxico está associado ao conhecimento, e o processo de nomeação em qualquer língua resulta de uma operação perceptiva e cognitiva. Assim, no aparato lingüístico da memória humana, o léxico é o lugar do conhecimento, sob o rótulo sintético de palavras os signos lingüísticos. (BIDERMAN, 1996, p. 27-28).

Em outro estudo, Biderman (2001) relaciona o processo de nomeação à atividade cognitiva de classificação do universo. Ao atribuírem nomes aos elementos de sua experiência, os falantes estabelecem diferenças, aproximações e categorias, convertendo o mundo percebido em conhecimento lingüístico. O léxico pode ser compreendido, nesse sentido, como um repertório aberto que conserva formas anteriores de experiência e, simultaneamente, recebe unidades associadas às transformações do presente.



A relação entre língua e cultura também foi examinada por Câmara Jr. (1955), para quem a língua integra o universo das criações culturais e desempenha papel essencial na comunicação e na transmissão da experiência coletiva. Ela não constitui um espelho passivo da sociedade, mas tampouco pode ser compreendida como estrutura indiferente aos sujeitos que a utilizam. A língua possui organização própria, porém existe historicamente porque é aprendida, compartilhada e atualizada por indivíduos inseridos em contextos culturais determinados.

O desenvolvimento das tecnologias digitais intensificou esses processos. Castells (1999) observa que a expansão das redes modificou as formas de produção e circulação da informação, enquanto Lévy (1999) relaciona a cibercultura ao surgimento de novas práticas de interação e organização do conhecimento. Santaella (2023), por sua vez, apresenta as tecnologias comunicacionais como parte de sucessivas transformações cognitivas e culturais, nas quais diferentes linguagens e suportes se sobrepõem em vez de simplesmente se substituírem.

O léxico pode, assim, ser compreendido como uma forma de memória tecnológica. Suas unidades conservam vestígios de objetos, serviços e práticas que foram socialmente relevantes, mesmo quando seus referentes deixam de ocupar posição central no cotidiano. Essa memória, entretanto, não constitui um arquivo estático. As palavras podem permanecer com relativa estabilidade, adquirir novos sentidos, restringir-se a determinados grupos ou reaparecer em contextos históricos, ficcionais e nostálgicos.

Desse modo, o léxico tecnológico oferece indícios, e não provas cronológicas absolutas. Quanto mais ampla e duradoura for a circulação de uma unidade, maior tende a ser o intervalo temporal compatível com seu uso. Em sentido inverso, quanto mais específica for sua relação com uma plataforma ou funcionalidade de curta duração, maior poderá ser sua capacidade de delimitar uma faixa histórica aproximada.

2.2 A canção como documento linguístico e cultural

Moraes (2000) considera a música popular uma fonte capaz de contribuir para a compreensão de experiências, comportamentos e sensibilidades pertencentes a diferentes períodos. Essa utilização exige, contudo, que a canção não seja tratada como reprodução neutra da realidade. Ela seleciona, organiza e reelabora elementos do mundo social conforme escolhas



estéticas, convenções de gênero, condições materiais de produção e expectativas de seus públicos.

Napolitano (2007) ressalta o caráter interdisciplinar dos estudos sobre música popular, que podem articular História, Letras, Sociologia, Antropologia, Comunicação e Musicologia. A análise deve relacionar a composição às condições de produção, aos agentes envolvidos, aos circuitos de circulação e às formas de recepção. No presente estudo, a letra é selecionada como corpus linguístico, mas esse recorte não desconsidera a natureza complexa da canção nem pretende reduzi-la a um texto escrito autônomo.

A distinção é particularmente importante porque letra e canção não são termos equivalentes. A letra corresponde à dimensão verbal que pode ser transcrita e examinada graficamente; a canção constitui uma prática mais ampla, produzida pela integração entre palavra, melodia, ritmo, interpretação e comunidade discursiva. Costa (2003) explica essa relação nos seguintes termos:

O fato é que há uma forte tendência em se considerar a poesia e a letra de canção dois gêneros específicos que se interseccionam por aspectos de sua materialidade e por alguns momentos comuns de sua produção. Partindo da premissa de que texto e melodia não são realidades separáveis (não sendo a melodia um mero meio de transmissão da letra e vice-versa), mas duas materialidades imbricadas; e, mais ainda, partindo do princípio de que a canção é uma prática intersemiótica intrinsecamente vinculada a uma comunidade discursiva que só existe em função dessa prática e que habita lugares específicos da formação social, o mero fato de ambas, canção e poesia, se utilizarem da materialidade gráfica em um determinado momento de sua produção e circulação não justifica que as consideremos meras variantes do mesmo gênero (COSTA, 2003, p. 29).

A perspectiva de Bakhtin (2003; 2011) contribui para compreender que os enunciados são produzidos em situações concretas e mantêm relações com discursos, valores e práticas anteriores. As palavras escolhidas pelos compositores pertencem a repertórios compartilhados e carregam sentidos formados em outros contextos de uso. Uma referência tecnológica inserida em uma canção não representa somente um equipamento ou serviço: ela pode remeter aos comportamentos, às expectativas e às relações sociais organizadas em torno daquele recurso.

Halbwachs (2006) demonstra que a memória individual é constituída no interior de quadros sociais. As lembranças não são recuperadas de maneira isolada ou inteiramente estável,



pois dependem das referências, dos valores e das relações compartilhadas pelos grupos aos quais os sujeitos pertencem:

Mas, se a memória coletiva tira sua força e sua duração do fato de ter como suporte um conjunto de homens, não obstante são indivíduos que se lembram, enquanto membros do grupo. De cada uma dessas memórias poder-se-ia dizer que é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo a posição que nele ocupo e que esta posição própria muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes. Não é preciso, pois, espantar-se se nem todos os homens tiram o mesmo partido do mesmo tesouro comum. (HALBWACHS, 2006, p. 69).

Pollak (1989) acrescenta que a memória coletiva não é homogênea nem espontaneamente formada. Ela envolve seleção, transmissão, silenciamento e disputa. A permanência de determinadas canções depende de fatores como circulação comercial, atuação dos intérpretes, presença nos meios de comunicação, identificação do público e incorporação a repertórios geracionais ou regionais. Por isso, as músicas analisadas não devem ser tratadas como retratos completos dos períodos aos quais se relacionam, mas como documentos culturais produzidos e preservados por processos sociais específicos.

Também não se deve pressupor uma correspondência automática entre o ano de lançamento de uma canção e a temporalidade de sua narrativa. Uma composição contemporânea pode mobilizar objetos antigos para construir nostalgia, ambientação histórica ou efeito estético. Da mesma forma, determinada tecnologia pode aparecer em uma letra muitos anos depois de seu período de maior circulação. O tempo inscrito na canção precisa ser examinado pela articulação entre produção, ambientação narrativa, uso lexical e história sociotécnica do referente.

3 MARCADORES TEMPORAIS TECNOLINGÜÍSTICOS: DEFINIÇÃO E METODOLOGIA

As discussões anteriores demonstraram que o léxico se transforma em diálogo com as experiências sociais e que as letras de músicas podem preservar palavras, práticas comunicativas e referências materiais relacionadas aos contextos em que foram produzidas. Com base nessa compreensão, propõe-se examinar de que maneira determinadas unidades



lexicais associadas às tecnologias da comunicação podem fornecer indícios sobre a temporalidade de uma produção cultural.

Essa diferença não autoriza, entretanto, a datação automática de uma obra a partir da ocorrência de uma palavra. As tecnologias não surgem, popularizam-se e desaparecem simultaneamente em todas as comunidades; seus nomes podem permanecer ativos depois da perda de centralidade do referente; e uma composição contemporânea pode recuperar deliberadamente práticas anteriores com finalidade histórica, estética, humorística ou nostálgica. O valor cronológico das unidades depende, portanto, da articulação entre história tecnológica, circulação lexical, contexto discursivo e condições culturais de produção.

3.1 Definição, classificação e Faixa de Validade Temporal

Denomina-se Marcador Temporal Tecnolinguístico (MTT) toda palavra, expressão ou referência linguística diretamente associada a uma tecnologia da comunicação e capaz de fornecer indícios cronológicos acerca do período de produção ou ambientação de um texto. O conceito não se restringe aos nomes dos equipamentos, pois abrange também serviços, plataformas, comportamentos e funcionalidades incorporados às práticas comunicativas.

Assim, uma tecnologia pode existir durante anos antes de se tornar socialmente difundida, enquanto sua denominação pode continuar sendo utilizada depois de seu declínio material. A análise deve privilegiar o período de efetiva circulação social do referente e de reconhecimento da unidade lexical, e não apenas a data de invenção ou lançamento comercial.

A classificação proposta organiza os MTT em quatro níveis de precisão. Esses níveis não constituem divisões absolutamente rígidas, pois uma mesma palavra pode assumir valores distintos conforme as especificações presentes no enunciado. Uma referência genérica ao *telefone*, por exemplo, apresenta baixa precisão; expressões como *telefone de disco*, *linha interurbana*, *orelhão* ou *telefonista* restringem consideravelmente o horizonte tecnológico representado.



Quadro 1 – Classificação dos Marcadores Temporais Tecnolinguísticos

Nível	Caracterização	Referente predominante	Pares analisados
MTT-1	Baixa precisão temporal	Tecnologias genéricas e de longa permanência.	<i>Televisão e Telephone</i>
MTT-2	Precisão temporal intermediária	Equipamentos ou serviços amplamente difundidos, mas concentrados em determinados períodos.	<i>Ligação Urbana e Operator</i>
MTT-3	Alta precisão temporal	Plataformas, empresas, sistemas ou práticas de circulação relativamente curta.	<i>Vou Te Excluir do Meu Orkut e Bug a Boo</i>
MTT-4	Precisão temporal muito alta	Funcionalidades ou micopráticas digitais introduzidas em momentos identificáveis.	<i>Não Sei o Que Lá e Read Receipts</i>

Fonte: elaboração própria (2026).

Em alguns casos, esses marcadores permitem estabelecer um *terminus post quem*, isto é, um ponto a partir do qual a produção ou a ambientação representada necessariamente deve ter ocorrido. Uma canção que menciona uma funcionalidade inexistente antes de determinada atualização não pode, salvo em situações ficcionais ou anacrônicas, pertencer a um contexto anterior à introdução desse recurso.

A progressão entre os quatro níveis sugere uma transformação na natureza das marcas linguísticas produzidas pelas tecnologias. Em configurações anteriores, a temporalidade era indicada principalmente por equipamentos físicos; posteriormente, os marcadores passaram a nomear serviços e plataformas; na comunicação contemporânea, uma única funcionalidade pode constituir uma evidência temporal relevante.

Esse movimento fundamenta o Princípio da Compressão Temporal dos Marcadores Tecnolinguísticos. Segundo essa proposição, o aumento da especificidade tecnológica tende a reduzir a Faixa de Validade Temporal de determinadas unidades lexicais. Equipamentos de longa permanência oferecem intervalos amplos; serviços e plataformas reduzem parcialmente essa extensão; funcionalidades específicas podem produzir janelas bastante estreitas.

O princípio deve ser compreendido como hipótese analítica derivada da observação do corpus, e não como lei universal. A relação entre especificidade e precisão pode ser afetada por permanências lexicais, desigualdades de acesso, diferenças culturais, reutilizações históricas e escolhas estéticas. Ainda assim, a progressiva passagem de equipamentos para funcionalidades



permite examinar como a aceleração tecnológica pode influenciar a velocidade de criação, difusão e obsolescência do vocabulário.

Para aplicar a classificação, não basta considerar a data de criação da tecnologia. A análise articula cinco critérios: a) o surgimento técnico do equipamento, serviço, plataforma ou funcionalidade; b) o período de popularização entre os usuários; c) sua abrangência social, cultural e geográfica; d) o momento de declínio, substituição ou obsolescência; e) o contexto discursivo em que a referência aparece.

O contexto discursivo possui especial importância porque permite diferenciar o uso cotidiano de uma referência retrospectiva. Uma tecnologia antiga pode ser mobilizada em uma canção recente para produzir nostalgia ou reconstruir determinada época. Da mesma forma, uma palavra pode permanecer ativa depois da transformação do referente que originalmente nomeava. Os MTT devem, portanto, funcionar como categorias interpretativas, e não como instrumentos de datação mecânica.

Para complementar a classificação, propõe-se o conceito de Faixa de Validade Temporal (FVT), entendido como o intervalo histórico em que determinado marcador apresentou maior circulação e reconhecimento social. Essa faixa não corresponde necessariamente ao período completo de existência da tecnologia, mas ao momento em que ela integrou de maneira efetiva as práticas cotidianas dos falantes.

A extensão dessa faixa está diretamente relacionada ao grau de precisão. Nos MTT-1, ela tende a abranger diferentes décadas; nos MTT-2, concentra-se em uma configuração tecnológica mais reconhecível; nos MTT-3, acompanha o ciclo de predominância de plataformas e serviços; e, nos MTT-4, pode vincular-se à introdução e à permanência de uma funcionalidade particular.

3.2 Constituição e procedimentos de análise do corpus

A investigação possui abordagem qualitativa e caráter bibliográfico, documental, exploratório, descritivo, comparativo e interpretativo. A pesquisa bibliográfica fundamenta a relação entre léxico, tecnologia, memória, canção e temporalidade, enquanto a dimensão documental concentra-se nas letras das oito músicas selecionadas.



O corpus foi constituído por quatro canções em língua portuguesa e quatro em língua inglesa. A seleção foi intencional e orientada pela representatividade teórica dos casos, não possuindo finalidade estatística nem pretensão de abranger exhaustivamente a produção musical nas duas línguas. Cada nível da classificação é representado por duas canções:

Quadro 2 – Constituição do corpus da pesquisa

Nível	Canção / intérprete	Compositor(es)	Álbum / selo-gravadora	Ano / faixa
MTT-1	<i>Televisão</i> Titãs	Arnaldo Antunes; Marcelo Fromer; Tony Bellotto	<i>Televisão</i> WEA	1985 / 1
	<i>Telephone</i> Lady Gaga, com participação de Beyoncé	Lady Gaga; Rodney Jerkins; LaShawn Daniels; Lazonate Franklin; Beyoncé Knowles	<i>The Fame Monster</i> Interscope	2009 / 6
MTT-2	<i>Ligação Urbana</i> Bruno & Marrone	Jailton Vieira Silva; Eustaquio de Lima Soares	<i>Bruno & Marrone – Ao Vivo</i> BMG Brasil	2004 / 11
	<i>Operator (That's Not the Way It Feels)</i> Jim Croce	Jim Croce	<i>You Don't Mess Around with Jim</i> ABC Records	1972 / 7
MTT-3	<i>Vou Te Excluir do Meu Orkut</i> Frank Aguiar	Ewerton Assunção	<i>Sou Brasileiro</i> EMI Brazil; fonograma Fa Music	2006 / 12
	<i>Bug a Boo</i> Destiny's Child	Kevin Briggs; Kandi Burruss; Beyoncé Knowles; Kelly Rowland; LeToya Luckett; LaTavia Roberson	<i>The Writing's on the Wall</i> Columbia Records	1999 / 5
MTT-4	<i>Não Sei o Que Lá</i> Marília Mendonça; Maiara & Maraisa	Gabriel Angelo Furtado de Oliveira; Higor Kaique Rodrigues; Jonatha Felipe Rodrigues; Rodrigo dos Santos Marcolino; Thales Allan Santos Humberto	<i>Festa das Patroas 35%</i> Som Livre	2021 / 4
	<i>Read Receipts</i> maxime.	Maxime Trippenbach	<i>cerulean</i> maxime. — lançamento independente	2020 / 2



Fonte: elaboração própria com base nos registros fonográficos consultados (2026).

A análise desenvolve-se em cinco etapas. Inicialmente, identificam-se as palavras e expressões relacionadas às tecnologias da comunicação. Em seguida, determina-se o referente sociotécnico nomeado, verificando se corresponde a equipamento, serviço, plataforma ou funcionalidade. A terceira etapa examina o papel desempenhado pelo marcador na narrativa, distinguindo usos cotidianos, metafóricos, nostálgicos, históricos ou anacrônicos.

Na quarta etapa, reconstrói-se a Faixa de Validade Temporal do marcador, considerando o surgimento da tecnologia, sua popularização, sua abrangência social e seu declínio. Por fim, realiza-se a classificação no nível correspondente e a comparação entre as duas canções selecionadas para a mesma categoria.

4 ANÁLISE COMPARATIVA DOS MARCADORES TEMPORAIS TECNOLINGÜÍSTICOS

A aplicação dos Marcadores Temporais Tecnolinguísticos ao corpus parte do princípio de que o valor temporal de uma unidade lexical não decorre exclusivamente da idade da palavra nem da data de criação da tecnologia que ela nomeia. A classificação depende da relação estabelecida entre a forma linguística, o referente sociotécnico, sua circulação social e a função desempenhada na narrativa musical. Por essa razão, as canções são analisadas em pares, permitindo observar como referências tecnológicas em português e inglês apresentam graus semelhantes de precisão, embora pertençam a contextos culturais e cronológicos distintos.

4.1 MTT-1: *Televisão e Telephone*

A canção *Televisão*, interpretada pelos Titãs e lançada em 1985, apresenta o aparelho televisivo como elemento central de sua crítica social. A televisão não funciona apenas como objeto presente no ambiente doméstico, mas como meio capaz de interferir na percepção, no comportamento e na relação do indivíduo com o conhecimento. A composição registra um momento em que esse meio ocupava posição privilegiada na circulação massiva de informações



e produtos culturais, exercendo forte influência sobre a organização da vida cotidiana (TELEVISÃO, 1985).

Apesar dessa vinculação ao contexto cultural da década de 1980, o vocábulo *televisão* possui baixa precisão temporal. O aparelho e sua denominação atravessaram diferentes períodos, passando pela transmissão analógica, pela televisão em cores, pelos sistemas por assinatura, pela digitalização do sinal e pela integração com a internet. A palavra permaneceu produtiva mesmo diante das transformações técnicas sofridas pelo referente.

Em *Telephone*, gravada por Lady Gaga com participação de Beyoncé e publicada no álbum *The Fame Monster*, em 2009, o telefone também ocupa posição central na narrativa. Entretanto, o conflito não decorre da dificuldade de acesso ao meio de comunicação. O sujeito representado procura interromper a sucessão de chamadas para preservar sua experiência imediata e sua autonomia diante da insistência do interlocutor (TELEPHONE, 2009).

Mesmo assim, a palavra *telephone* permanece como MTT-1. O vocábulo possui longa história, pode designar aparelhos fixos ou móveis e continua sendo utilizado em diferentes contextos tecnológicos. A narrativa oferece indícios de mobilidade e de excesso de chamadas, mas não nomeia uma plataforma ou funcionalidade capaz de restringir o enunciado a um intervalo cronológico muito curto.

A comparação demonstra que palavras classificadas no mesmo nível podem representar experiências comunicacionais bastante diferentes. Em *Televisão*, o marcador se relaciona à comunicação de massa e à influência de um meio audiovisual sobre o espectador. Em *Telephone*, associa-se à comunicação interpessoal e à pressão provocada pela disponibilidade contínua. A permanência histórica dos dois vocábulos, entretanto, reduz sua precisão cronológica.

4.2 MTT-2: *Ligação Urbana e Operator*

Em *Ligação Urbana*, gravada por Bruno & Marrone e publicada em 2004, a comunicação amorosa ocorre por meio de um orelhão. A referência não se limita ao telefone como categoria genérica, pois identifica um equipamento público instalado no espaço urbano e associado a práticas específicas de comunicação. O usuário precisava localizar um aparelho



disponível, permanecer fisicamente diante dele e realizar a chamada em um ambiente compartilhado (LIGAÇÃO URBANA, 2004).

O vocábulo *orelhão* possui maior capacidade de delimitação do que *telefone*. Embora os telefones públicos não tenham desaparecido imediatamente com a expansão da telefonia móvel, sua centralidade social diminuiu consideravelmente. A palavra passou a evocar um período em que a comunicação fora do ambiente doméstico dependia de infraestrutura pública, fichas, cartões telefônicos ou outros meios materiais de acesso.

Em *Operator (That's Not the Way It Feels)*, composta e interpretada por Jim Croce em 1972, o sujeito solicita a intervenção de uma telefonista para estabelecer uma chamada. A palavra *operator* não representa apenas uma profissão, mas uma etapa histórica da infraestrutura telefônica em que determinadas ligações, especialmente as realizadas a distância, podiam depender de mediação humana (OPERATOR [...], 1972).

A figura da telefonista restringe a interpretação temporal porque se associa a uma organização específica do serviço. O marcador não identifica somente o aparelho utilizado, mas o processo necessário para completar a comunicação. A automatização progressiva das redes reduziu essa forma de intermediação, transformando a referência em vestígio de uma configuração anterior das telecomunicações.

As duas canções representam limitações materiais e institucionais distintas. Em *Ligação Urbana*, o obstáculo está relacionado ao acesso físico a um aparelho público; em *Operator*, a comunicação depende de uma trabalhadora que opera o sistema. Em ambos os casos, o contato não é imediato nem completamente controlado pelos interlocutores. Há uma infraestrutura externa que determina onde, como e em que condições a chamada pode ocorrer.

4.3 MTT-3: *Vou Te Excluir do Meu Orkut e Bug a Boo*

A canção *Vou Te Excluir do Meu Orkut*, interpretada por Frank Aguiar e publicada em 2006, apresenta um marcador de natureza distinta dos observados nos níveis anteriores. O referente não é um aparelho ou uma infraestrutura ampla, mas uma plataforma digital específica. O nome próprio *Orkut* situa a composição em uma etapa particular da popularização das redes sociais no Brasil (VOU TE EXCLUIR [...], 2006).



A precisão temporal não decorre apenas da presença do nome da plataforma. A canção associa o Orkut a uma ação realizada dentro de sua estrutura: excluir alguém da rede de contatos. Um verbo já existente na língua passa a representar um comportamento social mediado por uma plataforma digital. A ruptura afetiva deixa de ocorrer somente por afastamento físico ou verbal e passa a ser materializada pela remoção de uma conexão virtual.

O ciclo de centralidade social do Orkut foi relativamente curto quando comparado à história do telefone, do rádio ou da televisão. A própria empresa responsável pela plataforma anunciou sua descontinuação em 2014, dez anos após sua criação. No Brasil, a rede adquiriu relevância excepcional, chegando a reunir parcela expressiva de seus usuários.

Em *Bug a Boo*, lançada pelo Destiny's Child em 1999, a delimitação temporal resulta da reunião de diferentes referências tecnológicas. A composição menciona o *pager*, serviços telefônicos, a empresa MCI e os discos utilizados para instalar ou divulgar o acesso à AOL. O conjunto reconstrói um cenário comunicacional fortemente relacionado ao final da década de 1990 nos Estados Unidos (BUG A BOO, 1999).

Isoladamente, o *pager* poderia ser classificado como MTT-2, pois teve ampla circulação durante mais de um período. Sua combinação com nomes comerciais e suportes específicos, entretanto, reduz a Faixa de Validade Temporal do enunciado. A presença simultânea de *pager*, MCI e discos da AOL funciona como uma concentração de evidências convergentes.

A comparação entre as duas canções evidencia que um MTT-3 pode ser constituído de maneiras diferentes. Em *Vou Te Excluir do Meu Orkut*, a precisão concentra-se em um único nome próprio, reforçado por uma ação característica da plataforma. Em *Bug a Boo*, ela resulta da articulação entre diversos referentes, alguns menos precisos quando considerados isoladamente.

O par também confirma o caráter culturalmente situado da Faixa de Validade Temporal. O Orkut adquiriu especial centralidade na experiência digital brasileira, enquanto AOL, MCI e os discos de instalação remetem mais diretamente ao contexto estadunidense. Um marcador pode apresentar alta precisão em uma comunidade e ser pouco reconhecível em outra.

4.4 MTT-4: *Não Sei o Que Lá e Read Receipts*



A canção *Não Sei o Que Lá*, interpretada por Marília Mendonça, Maiara & Maraisa e lançada em 2021, apresenta um marcador que não nomeia diretamente um aparelho, uma empresa ou uma plataforma. A referência temporal encontra-se na prática de acelerar a reprodução de uma mensagem de voz, comportamento associado a uma funcionalidade específica dos aplicativos de comunicação instantânea (NÃO SEI O QUE LÁ, 2021).

O valor temporal da expressão é elevado porque a prática depende da existência de uma funcionalidade específica. O *WhatsApp* passou a oferecer reprodução acelerada de mensagens de voz, posteriormente ampliando e divulgando opções de reprodução em velocidades superiores. A empresa apresenta o controle de velocidade como recurso destinado a ouvir mensagens em menos tempo.

A referência permite estabelecer um *terminus post quem*: a situação representada não poderia ocorrer, em sentido literal, antes da introdução e da difusão social da funcionalidade. Isso não fornece uma data absolutamente exata, mas restringe consideravelmente o intervalo possível, aproximando a narrativa do início da década de 2020.

Em *Read Receipts*, de maxime., lançada em 2020, o marcador também corresponde a uma funcionalidade. O título nomeia a confirmação de leitura, mecanismo por meio do qual o sistema informa que determinada mensagem foi aberta. Na narrativa, o conhecimento de que o conteúdo foi visualizado associa-se à ausência prolongada de resposta (READ RECEIPTS, 2020).

A funcionalidade modifica a experiência do silêncio comunicativo. Em formas anteriores de correspondência, o remetente poderia não saber se a carta havia chegado ou se a mensagem fora efetivamente lida. A confirmação de leitura reduz essa incerteza técnica, mas cria uma nova incerteza afetiva: sabe-se que o interlocutor teve acesso ao conteúdo, sem que se conheçam as razões de sua ausência de resposta.

Entretanto, a análise revela uma diferença interna entre os dois marcadores. A confirmação de leitura possui trajetória mais extensa e pode ser encontrada em sistemas de correio eletrônico anteriores aos aplicativos contemporâneos. Além disso, está disponível em diferentes plataformas. A expressão *read receipt*, considerada isoladamente, pode apresentar Faixa de Validade Temporal maior do que a prática de acelerar mensagens de voz.



As duas canções registram efeitos diferentes da funcionalização da comunicação. Em *Não Sei o Que Lá*, a tecnologia interfere na velocidade de recepção: o destinatário controla quanto tempo dedicará à fala do outro. Em *Read Receipts*, interfere na visibilidade da interação: o remetente acompanha o percurso da mensagem e interpreta a ausência de resposta.

4.5 Síntese comparativa dos resultados

Quadro 3 – Síntese comparativa dos Marcadores Temporais Tecnolinguísticos

Nível	Marcador em português	Marcador em inglês	Natureza sociotécnica	Efeito temporal
MTT-1	televisão	<i>telephone</i>	Meio ou equipamento genérico	Faixa extensa; requer evidências complementares
MTT-2	orelhão	<i>operator</i>	Infraestrutura ou serviço historicamente concentrado	Delimita uma era, mas não uma data específica
MTT-3	Orkut e excluir da rede	<i>pager</i> , MCI e discos da AOL	Plataforma, empresa ou conjunto sociotécnico	Produz intervalo mais restrito e culturalmente situado
MTT-4	acelerar mensagem de voz	<i>read receipts</i> / visualização sem resposta	Funcionalidade e microprática digital	Permite <i>terminus post quem</i> e faixa reduzida

Fonte: elaboração própria (2026).

A progressão sustenta parcialmente o Princípio da Compressão Temporal dos Marcadores Tecnolinguísticos. À medida que os referentes se tornam mais específicos, suas Faixas de Validade Temporal tendem a diminuir. A passagem de *televisão* para *orelhão*, de *orelhão* para *Orkut* e de *Orkut* para *acelerar áudio* demonstra como a marca temporal se desloca de uma tecnologia abrangente para operações cada vez mais particulares.

Os resultados também mostram que a compressão não ocorre de maneira automática ou uniforme. A confirmação de leitura é funcionalmente específica, mas possui circulação em diferentes sistemas e períodos. O *pager* apresenta precisão intermediária quando isolado, porém alcança maior capacidade cronológica quando associado à MCI e à AOL. O nível do marcador



é determinado, portanto, pela combinação entre especificidade técnica, contexto discursivo e circulação social.

A comparação entre português e inglês confirma ainda que a temporalidade tecnológica é culturalmente localizada. As sociedades não incorporam os mesmos recursos no mesmo ritmo, e determinadas marcas adquirem relevância distinta conforme a comunidade. O Orkut possui força cronológica especial no contexto brasileiro, enquanto AOL e MCI são mais produtivas para a reconstrução da experiência estadunidense do final dos anos 1990.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo investigou de que maneira referências lexicais às tecnologias da comunicação podem atuar como indícios da temporalidade em letras de músicas de língua portuguesa e inglesa. Para isso, propôs-se a categoria dos Marcadores Temporais Tecnolinguísticos (MTT) e aplicou-se sua classificação a um corpus intencionalmente constituído por oito canções, distribuídas em quatro pares comparativos. Cada par representou um nível distinto de precisão temporal, permitindo observar a passagem de referências genéricas a equipamentos para menções a serviços, plataformas e funcionalidades digitais.

Os resultados sustentam, portanto, o Princípio da Compressão Temporal dos Marcadores Tecnolinguísticos, mas indicam que sua aplicação deve ser compreendida como tendência analítica, e não como regra absoluta. À medida que as referências passam de equipamentos amplos para serviços, plataformas e funcionalidades específicas, suas Faixas de Validade Temporal tendem a diminuir. Entretanto, esse processo pode ser afetado pela permanência lexical, pela coexistência de tecnologias, pelas desigualdades de acesso, pelas diferenças regionais e geracionais e pelos usos nostálgicos, históricos ou anacrônicos.

A hipótese formulada foi, assim, parcialmente confirmada. O aumento da especificidade sociotécnica mostrou-se associado a uma maior capacidade de delimitação temporal, mas essa relação depende do contexto. Um vocábulo genérico pode adquirir maior precisão quando acompanhado por outras referências, como ocorreu com o *pager* em *Bug a Boo*. Do mesmo



modo, uma funcionalidade tecnicamente específica pode apresentar circulação mais extensa do que outra pertencente à mesma categoria.

A principal contribuição do estudo consiste na proposição de um modelo capaz de organizar essas diferenças. A classificação em MTT-1, MTT-2, MTT-3 e MTT-4, articulada ao conceito de Faixa de Validade Temporal, permite examinar as unidades lexicais segundo sua especificidade, circulação e função discursiva. O modelo não substitui a pesquisa histórica sobre as tecnologias nem oferece uma ferramenta de datação automática. Sua função é orientar a identificação e a interpretação de evidências temporais presentes em textos e produções culturais.

Entre as limitações da pesquisa, destaca-se a dimensão reduzida e intencional do corpus. As oito canções foram escolhidas por sua representatividade para as categorias propostas e não permitem generalizações quantitativas sobre a música popular em português e inglês. Além disso, o estudo concentrou-se na dimensão verbal das obras e não realizou uma análise sistemática de seus componentes melódicos, performáticos e audiovisuais. A investigação das Faixas de Validade Temporal também depende de informações históricas cuja precisão pode variar conforme a região, o grupo social e a fonte consultada.

Conclui-se que a linguagem não apenas acompanha as transformações tecnológicas, mas as registra, organiza e preserva. As letras analisadas demonstram que cada configuração comunicacional produz formas particulares de nomear e experimentar o contato humano. Da televisão e do telefone às plataformas digitais e às confirmações de leitura, as tecnologias deixam marcas no léxico e nas narrativas afetivas construídas em torno delas. Os Marcadores Temporais Tecnolinguísticos constituem, nesse sentido, uma proposta analítica para compreender como palavras e expressões podem transformar-se em vestígios das experiências tecnológicas de diferentes gerações.



REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**. 2. ed. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2001. v. 1, p. 13–22.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Léxico e vocabulário fundamental. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 40, p. 27–46, 1996. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3994>. Acesso em: 2 ago. 2026.

BUG A BOO. Intérprete: Destiny's Child. Compositores: Kevin Briggs; Kandi Burruss; Beyoncé Knowles; Kelly Rowland; LeToya Luckett; LaTavia Roberson. In: **THE WRITING'S ON THE WALL**. Intérprete: Destiny's Child. [S. l.]: Columbia Records, 1999. 1 CD, faixa 5.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. Língua e cultura. **Revista Letras**, Curitiba, v. 4, p. 51–60, 1955. Disponível em: <https://doi.org/10.5380/rel.v4i0.20046>. Acesso em: 2 ago. 2026.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Tradução de Roneide Venancio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1.

COSERIU, Eugenio. **Sincronia, diacronia e história: o problema da mudança linguística**. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1979.

COSTA, Nelson Barros da. Canção popular e ensino da língua materna: o gênero canção nos parâmetros curriculares de língua portuguesa. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 4, n. 1, p. 9–36, jul./dez. 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-4017-04-01-01>. Acesso em: 8 ago. 2026.

GOLGHER, Paulo. Adeus ao Orkut. **Google Brasil**, 30 jun. 2014. Disponível em: <https://blog.google/intl/pt-br/novidades/iniciativas/adeus-ao-orkut/>. Acesso em: 10 ago. 2026.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2006.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIGAÇÃO URBANA. Intérpretes: Bruno & Marrone. Compositores: Jailton; Paschoal. In: **BRUNO & MARRONE – AO VIVO**. Intérpretes: Bruno & Marrone. [S. l.]: BMG Brasil, 2004. 1 CD, faixa 11.

MORAES, José Geraldo Vinci de. História e música: canção popular e conhecimento histórico. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 20, n. 39, p. 203–221, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-01882000000100009>. Acesso em: 31 jul. 2026.



NÃO SEI O QUE LÁ. Intérpretes: Marília Mendonça; Maiara & Maraisa. Compositores: De Angelo; Thales Lessa; Felipe Kef; Kaique Kef; Rodrigo Nu12. In: **FESTA DAS PATROAS 35%**. Intérpretes: Marília Mendonça; Maiara & Maraisa. [S. l.]: Som Livre, 2021. 1 álbum digital, faixa 4.

NAPOLITANO, Marcos. História e música popular: um mapa de leituras e questões. **Revista de História**, São Paulo, n. 157, p. 153–171, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.v0i157p153-171>. Acesso em: 30 jul. 2026.

OPERATOR (That's Not the Way It Feels). Intérprete e compositor: Jim Croce. In: **YOU DON'T MESS AROUND WITH JIM**. Intérprete: Jim Croce. [S. l.]: ABC Records, 1972. 1 disco sonoro, faixa 7.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3–15, 1989.

READ receipts. Intérprete: maxime. Compositor: Maxime Trippenbach. In: **CERULEAN**. Intérprete: maxime. [S. l.]: maxime., 2020. 1 álbum digital, faixa 2. Disponível em: <https://maximemakesmusic.bandcamp.com/album/cerulean>. Acesso em: 12 ago. 2026.

SANTAELLA, Lucia. Inteligência contínua: a sétima revolução cognitiva do Sapiens. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 46, n. esp. 1, p. 347–362, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0101-3173.2023.v46esp1.p347>. Acesso em: 28 jun. 2026.

TELEPHONE. Intérpretes: Lady Gaga; Beyoncé. Compositores: Stefani Germanotta; Rodney Jerkins; LaShawn Daniels; Lazonate Franklin; Beyoncé Giselle Knowles. In: **THE FAME MONSTER**. Intérprete: Lady Gaga. [S. l.]: Interscope Records, 2009. 1 álbum, faixa 6.

TELEVISÃO. Intérprete: Titãs. Compositores: Arnaldo Antunes; Marcelo Fromer; Tony Bellotto. In: **TELEVISÃO**. Intérprete: Titãs. [S. l.]: WEA, 1985. 1 disco sonoro, faixa 1.

VOU TE EXCLUIR DO MEU ORKUT. Intérprete: Frank Aguiar. Compositor: Ewerton Assunção. In: **SOU BRASILEIRO**. Intérprete: Frank Aguiar. [S. l.]: Fa Music, 2006. 1 álbum, faixa 12.

WHATSAPP. New voice message features on WhatsApp. **Meta Newsroom**, 30 mar. 2022. Disponível em: <https://about.fb.com/news/2022/03/new-voice-message-features-on-whatsapp/>. Acesso em: 12 ago. 2026.